

**A TEORIA DA LIBERTAÇÃO E SUA UTILIZAÇÃO NOS GRUPOS DE JOVENS LIGADOS
A IGREJA CATÓLICA NAS DÉCADAS DE 70 E 80.**

Liélia Barbosa OLIVEIRA *

Thomas Bruno OLIVEIRA **

Dra. Patrícia Cristina de Araújo Aragão ***

RESUMO:

Neste artigo nosso objetivo é propor uma análise da Igreja Católica, a partir de enfoque ideológico, traçando seu perfil evangelizador entre as décadas de 70 e 80, num período em que a igreja se volta para uma prática sócio-transformadora. É, portanto, neste contexto que nesta instituição se edifica uma teoria que dê suporte as práticas sociais, nascendo assim, a Teoria da Libertação, tendo como referencial o teórico Leonardo Boff. Este propõe uma prática transformadora em laços com a fé. Desta forma, a Igreja se volta às comunidades de base e as propostas deste teórico, servem de apoio para Grupos de Jovens que se organizam em torno de uma prática que expresse sua fé e transforme a realidade social no qual estão inseridos. Nessa perspectiva, procuraremos abordar o tempo histórico de emergência dessas práticas observando seu uso nos Grupos de Jovens ligados a essa Igreja partilhando esse ideário.

Palavras-chave: Igreja Católica. Teoria da Libertação. Grupos de Jovens.

INTRODUÇÃO

A base de edificação do pensamento social da teoria da libertação vem das contribuições da Ação Católica¹, que teve papel inicial de disseminar os valores e princípios cristãos católicos no campo da atuação política brasileira. Este marcado pela discordância de

*Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, bolsista da PROEG.

**Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba

***Professora do Departamento da Universidade Estadual da Paraíba (Orientadora)

uma parte do clero sendo um movimento de ala progressista se contrapondo desta forma, a os conservadores que pensavam e defendiam uma igreja voltada ao lado espiritual sendo desvinculada dos compromissos sociais e envolvimentos político de intervenção nas reformas sociais que o país necessitava. O papel desenvolvido pela Ação Católica foi de grande destaque na propagação da doutrina social da igreja levando para as escolas, universidades, fábricas, sindicatos e a todos aqueles que se identificavam com uma história de “Classe oprimida” que necessitava tomar o rumo da sua história, estes também envolvidos no ideário do marxismo e no protagonismo de classe. Desde 1950 a igreja Católica através dos jovens que se organizavam em uma perspectiva social unida com a fé já vinha desenvolvendo um trabalho de cunho sócio-transformador se envolvendo em questões políticas e de ordem econômica que para os que seguiam uma expectativa conservadora estes jovens estavam descontextualizados do verdadeiro papel da Igreja.

O LAICATO CATÓLICO E O PENSAMENTO SOCIAL DA IGREJA

A Ação Católica foi importante instrumento para a participação dos leigos na vida democrática e no exercício pleno da cidadania tendo no pós-guerra e fim da ditadura de Vargas um papel fundamental na vida da igreja no Brasil e de seus seguidores tendo importância maior para aqueles que “comungavam” com aos ideais do setor progressista, nesse sentido, a atuação da igreja progressista se espalhou de forma incisiva e encontrava nos jovens seu mais alto alvo sendo em grande medida os grandes defensores do envolvimento da instituição religiosa com as questões sócio-políticas do país.

A igreja se aproximou do povo a partir da conscientização do leigo, principalmente dos movimentos de juventude oriundos da Ação católica – Juventude Agrária (JAC); Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude a

¹ A Ação Católica é uma associação de católicos que, a partir de seu próprio ambiente, participam ativamente da missão apostólica da Igreja. Nasceu em 1924 por iniciativa de Joseph Cardijn, sacerdote belga, filho de operários.

igreja se aproximou do povo a partir da conscientização do leigo, principalmente dos movimentos de juventude oriundos da Ação católica – Juventude Agrária (JAC); Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Independente Católica (JIC); Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária católica (JUC). (GONÇALVES, 2004, p.50-51)

É de se destacar que, se por um lado a Igreja brasileira se preocupava com a miséria que se alastrava em seu povo e com a corrupção política conforme podemos observar no fragmento acima destacado, por outro lado ela também via na ação social uma forma de combater os comunistas que segundo ela, se aproveitavam do sofrimento do povo para disseminar sua ideologia, logo a promoção de reformas sociais pacíficas seria uma forma de combater os comunistas. Nesse sentido, a Igreja que estava dividida entre conservadores e progressistas também se deparava com o “inimigo” comunista que cada vês mais se aproximava da ideologia progressista e de certa maneira se misturava no ideário dos jovens e adeptos da doutrina social. A hierarquia clerical que em grande numero se comprometia com o governo e conseqüentemente com sua política se deparava em muitos momentos com uma contradição ideológica de sua atuação em meio aos seus fieis, desta forma, os embates entre progressistas e conservadores se intensificavam.

É em meio à década de 50 e em conformidade com os acontecimentos, que surge a CNBB² que impulsionou o envolvimento da igreja brasileira com as questões de ordem social, tendo com o passar dos anos o amadurecimento de sua atuação e sua missão evangelizadora traçando, portanto, um viés de atuação política e social. Esta, nascendo sobre influência da Ação Católica. Com a ascensão do Papa João XXIII, em novembro de 1958, é em seu pontificado que são publicadas as encíclicas *Mater et Magistra*, de 1961 e *Pacem in Terris*, de 1963, no mesmo ano se iniciou o Concílio Vaticano II, cuja conclusão se deu no papado de Paulo VI. Esse concílio e suas deliberações mudaram em definitivo o papel da Igreja na America Latina e consolidou diretrizes para atuação da Igreja no meio do povo. A primeira teve grande influencia na Igreja brasileira na qual a CNBB pela primeira vez tratou de temas progressistas em nível nacional como a necessidades de mudanças na área rural e política, a segunda incentivou ainda mais o envolvimento da Igreja em questões sociais, e com essa

² Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

encíclica que a Igreja aponta maiores problemas do país destacando o subdesenvolvimento e afirmava que os leigos tinham importante papel na mudança da situação sócio-política.

Após o concílio Vaticano II que traçou as diretrizes da Igreja na América Latina que emerge dessa discussão sócio transformador uma teoria que dê suporte as práticas sociais dessa “nova” Igreja que se anuncia emergindo assim a Teoria da libertação que tem no Brasil por referência Leonardo Boff, traçando o perfil do trabalho da Igreja frente às questões sociais e seu lado religioso fundamentado nos ensinamentos bíblicos tendo como suporte as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs³). Um exemplo dessa “nova” Igreja pode ser compreendida através do tema da primeira Campanha da Fraternidade de nível nacional em 1964 cujo tema foi o seguinte; *“Lembre-se: você também é Igreja”*.

Com o golpe de 1964 a Igreja Católica que estava dividida teve a grande maioria dos bispos e padres apoiando o golpe e em destaque o alto clero que em quase sua totalidade compartilhava das idéias de uma Igreja conservadora, ou seja, era a oportunidade de conter o avanço da ala progressista e de uma Teoria social.

Grande parte da Igreja serviu como meio de propagação do medo do “fantasma comunista”, uma verdadeira paranóia que foi incutida na sociedade, principalmente nas classes média e alta, através de sermões ou ode passeatas contra Goulart, como a famosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que reuniu milhares de pessoas (uns registraram 300 mil, outros 500 mil) em 19 de março de 1964 na cidade de São Paulo e outra multidão no rio de Janeiro, no dia dois de abril de 1964, agora para comemorar a queda de Jango, o “demônio comunista”. (GONÇALVES, 2004, p.51)

³ As CEBs se desenvolveram entre as comunidades urbanas e rurais nos anos de 1960 e tinham nas paróquias com um núcleo irradiador e motivador da mobilização social na luta por melhores condições de vida nas populações na quais estavam inseridas. As comunidades eclesiais se orientavam pelo método Ver-Julgar e agir, difundido pela Ação Católica nas décadas anteriores.

Neste fragmento podemos analisar a postura da Igreja e seu discurso direcionado as movimentações sociais que estavam ocorrendo do país afirmando dessa maneira seu apoio ao golpe e aos simpatizantes de uma Igreja voltada para questões sociais, onde se verifica manifestações de cunho religioso e conservador dos valores do espírito reunindo milhares de fiéis em volta de um discurso pacificador diante do contexto histórico da época.

A JUVENTUDE SE RENOVA: UTILIZAÇÃO DA TEORIA NA PRÁTICA

Com as discordâncias e atrocidades promovidas pelos Militares em seus governos em especial com a emenda do A5 que efetivava definitivamente a ditadura e a expropriação dos direitos fundamentais de liberdade e democracia “*não era mais possível fechar os olhos, pois os filhos e filhas da Igreja e os líderes da sociedade estavam sendo perseguidos*”. (BESEN, 2000, p.05)

A Igreja que tinha perseguido e abafado a minoria progressista se vê diante de um perigo que ela ajudou a se consolidar, desta forma retoma sua atuação política e baseada nas diretrizes do concílio Vaticano II e na Teoria da Libertação bem como, nos trabalhos desenvolvidos pelas CEBs no ano de 1968, ano que é considerado que nunca acabou foi significativo para a retomada das lutas sociais e da participação da Igreja católica no processo de defesa da democracia em contraposição a ditadura Militar a partir daqui a Igreja passa a ser “Igreja Povo de Deus”, atenta a questões relacionadas ao corpo e espírito. A partir desse momento a Igreja passa a exercer um papel importantíssimo na luta contra a ditadura.

É a partir de fins da década de 60 e início da de 70 e 80 que a Igreja atua de forma incisiva no meio do povo incitando uma ideologia libertária de apoio as transformações sociais no campo e na cidade encontrando nos jovens os defensores e público envolvido no processo de politização e junção da fé e ação sendo protagonista da resistência ao golpe militar, bem como, incitando discussões por toda a sociedade da importância da participação popular nos espaços de decisão política, sendo assim, promotora de debates e movimentos de caráter transformador encontrando na religião e nas escrituras seu alimento espiritual para continuar na caminhada, bem como, inspiração em um modelo de Cristo político e atuante em

que discordava das desigualdades sociais escolhendo sempre o pobre como modelo e inspiração.

É mediante essas circunstâncias e imbuído das ações do contexto histórico que os grupos de jovens ligados a Igreja Católica se reúnem em uma prática que contemple as expectativas no que diz respeito às ações sociais que em grande sentido, é fomentado pelas CEBs que desenvolvem um trabalho junto às comunidades incitando os leigos a perceberem sua importância na promoção de mudanças no meio social. Desta forma, os Grupos de Jovens que se ligam a essa Igreja nesse momento, estão imersos em uma concepção que trabalhe a Fé e a prática, sendo assim, utilizados em reuniões dos Grupos subsídios básicos de conteúdo da doutrina social e ideologicamente contido as idéias da Teoria da Libertação.

A importância que se dá, dessa propagação ideológica da Teoria progressista fez suscitar nesse contexto uma juventude politizada e consciente de sua realidade social sendo considerada uma Juventude Militante e participativa nos espaços de decisão de políticas públicas. É nesse momento uma Juventude que ganha respeito no ceio da Igreja desde fins da década de 60 e perpassa 70 e 80 e início de 90 quando essa ideologia vai perdendo sua referência religiosa e se deslocando cada vez mais para o lado social, acontecendo, assim, uma dispeção desses Jovens e embates cada vez maior com setores conservadores e de modo especial com a Renovação Carismática Católica (RCC) que advêm de uma ala que acredita em uma Igreja volta ao espírito e se contrapõe as idéias e Grupos progressistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante destacar que, apesar das transformações ocorridas nas décadas de 50, 60, 70, 80 a juventude se resigunifica mediante o momento histórico e em certo sentido, se relaciona de forma específica com a realidade que vos é apresentada. Desta forma, o que nos propomos enfocar é uma variante no universo multifacetado e heterogêneo da Juventude, nos delimitando em uma análise da Juventude católica e seus ideais sociais transversados com as perspectivas marxistas de luta de classe e do protagonismo social dos sujeitos constituídos historicamente. Nesse sentido, mesmo que de uma forma superficial, que a temática aqui instituída contribui na discussão identitária de Juventudes enquanto seres constituídos

socialmente e portadores e fazedores de “cultura”. Sendo assim, observar as propostas ideológicas e discursivas de uma Juventude específica em um momento de transformação política do país favorece no tocante a instituir um lugar na Ciência histórica de estudo geracional que nesse caso é direcionado para as Juventudes.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Contexto histórico e condição juvenil. In: **Cenas juvenis**. Scritta, 1994 p: 1-15

GONÇALVES, Angelo Barreiros. **A Igreja Católica E O Golpe DE 1964**. AKrópolis, 12(1):49-55

MORAIS, Maria Blassiole. **A Ação Católica e a luta Operária: a experiência de Jovens operários católicos em Santo André (1954-1964)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social) pela Universidade de São Paulo, USP.

SILVA, José Ramiro Alves da. **A legitimação da ordem autoritária: Gustavo Corção nas páginas do Correio do Povo (1964-1969)**.2004.Dissertação (Mestrado em História) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

THOMPSON, Edward P. Prefácio. In: **A Formação da Classe Operária Inglesa I** . Rio de Janeiro: Paz e terra,1987. p: 09-23